**WHITE CUBE INAUGURA COLETIVA COM**

**ARTISTAS CONSAGRADOS E EMERGENTES**

**Mostra faz parte do programa *Inside the White Cube***

*Para fotos em alta resolução: www.canivello.com.br*

Paralelamente à abertura da exposição de **Sarah Morris**, a **White Cube São Paulo** inaugura, no mesmo dia 7 de fevereiro, na sala ao lado, a segunda edição no Brasil do programa ***Inside the White Cube***, destinado a novas pesquisas e a apontar nomes emergentes na cena nacional que não necessariamente tenham vínculos com a galeria. Sob curadoria da paulistana **Fernanda Brenner**, quatro jovens artistas brasileiros – **Bernardo Glogowski**, **Daniel Albuquerque**, **Frederico** **Fillipi** e **Rita** **Vidal** – terão a oportunidade de ver suas obras dialogarem com o trabalho de dois nomes internacionalmente reconhecidos, o belga **Kris Martin** e o polonês **Miroslaw Balka.**

A exposição coletiva, batizada como ***Até aqui tudo bem,*** se organiza a partir de reflexões e associações poéticas em torno das caixas-pretas dos aviões - dispositivos colocados em aeronaves com o objetivo de facilitar investigações em caso de acidentes. Caso o sinistro aconteça, as gravações transformam-se em evidências; se a caixa jamais é encontrada, a ausência de pistas envolve tudo em uma espessa camada de mistério.

“As informações na caixa preta se acumulam no cotidiano das decolagens e aterrissagens, como se à espera de um evento único, o instante trágico que tudo ressignifica. Nesse momento nos damos conta da nossa fragilidade e de que é necessário muito pouco para as coisas entrarem em colapso”, teoriza **Brenner**, que retirou o título da exposição de uma anedota contada por um personagem no filme ***La Haine***, de **Mathieu Kassovitz**: "*Essa é a história de um homem que cai de um prédio de 50 andares. Durante a queda, ele repete sem parar, para se reconfortar: ‘Até aqui tudo bem, até aqui tudo bem, até aqui… tudo bem.’**O importante não é a queda, mas a aterrissagem*."

Como é possível que um avião com mais de duzentos passageiros, como foi o caso daquele da Malasyan Airlines, desapareça no ar sem deixar rastros, numa época em que a tecnologia tornou inconcebível que qualquer objeto escape à vigilância?”, questiona a curadora.

Razões políticas ou metafísicas à parte, a ausência da caixa preta e a tragédia em suspenso abrem espaço para o inexplicável, para o misterioso. O foco da exposição é exatamente o segundo antes da aterrissagem ou da queda, o ocaso, o inconcluso, o “*instante instável*” que precede o fato. Os artistas participantes lidam cada qual à sua maneira com a questão da iminência e da fragilidade das estruturas; trabalham a partir de vestígios e evidências. Todos foram convidados a pensar a permanência e o desaparecimento e a achar ou perder suas próprias caixas pretas no caminho.

**Biografias**

* **Fernanda Brenner - curadora**

Formada pela FAAP, trabalha como artista e diretora artística em São Paulo. Como artista participou de uma série de mostras coletivas, entre elas uma na Galeria Crypt, em Londres, e outra na galeria Emma Thomas, em São Paulo. Como ilustradora, **Fernanda** publicou seu trabalho no suplemento Ilustríssima, do jornal Folha de S. Paulo, e na Vogue, entre outros.

Em 2012 **Fernanda** fundou a Pivô, um espaço de arte independente dedicado a investigar e expor os processos contemporâneos de criação cultural. Desde a abertura do espaço, ela atuou como diretora artística em mais de 30 projetos, incluindo exposições, workshops, palestras, festivais, residências artísticas e um programa de estúdio, que hospedou mais de 200 artistas de 15 países diferentes, entre eles Cildo Meireles, Mario Garcia Torres, Lenora de Barros, Matheus Rocha Pitta, Lais Myrrha, Carmela Gross, Stefan Bruggeman, Daniel Steegman Mangrané e Marcius Galan.

* **Bernardo Glogowski (São Paulo, 1984)**

**Bernardo Glogowski** resgata e imortaliza através da pintura eventos passados, rostos e cenas que carregam um mistério em relação ao fato que os originou. Investigando o período que separa o jornalismo do registro histórico, o artista pesquisa em jornais e arquivos de um passado recente fatos que geraram perplexidade mas poucas respostas. A temática do artista é uma combinação de imagens emblemáticas com outras que caíram no esquecimento. Eventos como o suicídio coletivo da seita *Heaven’s Gate*, em 1991, o avião da Korean Air abatido por um avião soviético durante a Guerra Fria em 1983 ou pessoas que possuem um lugar dúbio na história, bodes expiatórios ou condenados por crimes graves através de investigações questionáveis, como os retratos da série *Mártires*, são matéria-prima para as pinturas do artista, que apresenta nessa mostra um panorama de sua produção recente.

Ao lançar um novo olhar a esses fatos engavetados com o passar dos anos, **Glogowski** nos leva de volta às manchetes dos jornais de décadas passadas para investigar o que sobrevive ao tempo e a pensar os mecanismos da memória coletiva e pessoal.

* **Daniel Albuquerque (Rio de Janeiro, 1983**)

O corpo é essencialmente a matéria-prima de **Daniel Albuquerque**. Não o corpo em movimento ou a performance, mas o corpo fragmentado em seus mínimos detalhes de escala, cores e texturas. Ao selecionar e reproduzir, em esculturas cuidadosamente executadas em areia e porcelana esmaltada, partes do corpo humano, como línguas, orelhas e mamilos, o artista nos conduz à inquietante estranheza que é o corpo humano.

Na exposição, **Daniel** apresenta algumas esculturas da série ***Janus*** combinadas a dois trabalhos em tricô da série ***Volta***.

Janus é o deus romano associado aos “inícios e escolhas” e também às mudanças e tradições. A imagem de uma cabeça com dois rostos, mirando simultaneamente o passado e o futuro, que representa o deus, é reinterpretada pelo artista através de várias línguas com duas pontas. Desprendidas do corpo e em movimentos orquestrados pelo artista, a estranheza formal e a riqueza de texturas da língua se revela. As línguas da série ***Janus*** não guardam a memória de sua função no organismo vivo, não degustam, não são erotizadas, não sinalizam emoções, são autônomas e carregam em si a potência de um corpo inteiro.

Na série ***Volta***, o artista explora técnicas de tricô tradicional para construir uma espécie de fita de Moebius artesanal. Sempre em torno das questões do corpo, esse trabalho é um convite à reflexão sobre o equilíbrio delicado entre o interno e o externo que experimentamos diariamente.

* **Frederico Fillipi (São Carlos, 1983)**

Antes de se tornar artista, **Frederico** se formou piloto de avião. Em sua prática artística, o universo da aviação é um elemento frequente.

Também mestrando em antropologia e arte indígena, o artista articula seu trabalho em torno de questões sobre a noção de História como algo que se dá através das relações e não de movimentos estanques de causa e efeito. **Frederico** participou de uma série de residências na América Latina e na Espanha, investigando relações de colonialismo e conflitos de formação do Brasil, sempre através de uma abordagem poética e carregada de ironia.

Na exposição será apresentado o vídeo *Asdlfkjawea [Apapaatai]*, e pinturas da série *Objetos* *Não Identificados*. Nos dois casos, o artista ironiza o endeusamento da tecnologia, transformando aviões e objetos voadores em seres sagrados mas imperfeitos, que desceriam dos céus para perturbar a vida humana. No vídeo, **Fillipi** constrói através de uma coreografia com elementos de aviação um ritual a um deus improvisado, numa analogia aos rituais “*apapaatai*” da tribo Wauja, do Alto Xingu.

* **Kris Martin** (Belgica, 1972)

O trabalho de Kris Martin está sempre às voltas com questões sobre o tempo e sua irreversibilidade. Herdeiro da arte conceitual, o artista combina elementos da escultura tradicional a performances e objetos encontrados para nos lembrar de que todas as coisas chegam ao fim - discussão central em sua obra. A arte de Kris Martin ocupa os espaços-entre, as lacunas, construindo uma imagem de um mundo em que todas as atividades, monumentais ou insignificantes, podem estar simplesmente matando tempo.

Na exposição será exibido o trabalho “100 ways to go from 1 point to another”, instalação em que o percurso entre dois pontos é percorrido pela mesma linha traçada 100 vezes sobre a parede, mostrando que embora o movimento pareça mecânico, o percurso jamais é o mesmo.

* **Miroslaw Balka** (Polônia, 1958)

O trabalho de Miroslaw Balka lida com questões de memória – pessoal e coletiva - especialmente no que diz respeito à história fragmentada da Polônia. Construindo instalações complexas ou se apropriando de objetos cotidianos, o universo de Balka revisita essas memórias e traumas na atualidade, mapeando os efeitos psicológicos do pós-guerra no Leste Europeu.

A austeridade e o silêncio são elementos fortes na obra de Balka. Na exposição será mostrada a escultura "27 x 29 x 30", de  2007, em que o artista combina uma grade enferrujada e um vidro translúcido, envolvendo-o. O material usado para criar barreiras físicas mas não visuais é contraposto ao vidro, que mostra o seu interior mas é intransponível.

* **Rita Vidal (Londrina, 1980)**

**Rita Vidal** vem de uma formação como estilista e modelista de moda. A artista investiga técnicas esquecidas e sofisticadas de costura e bordado para criar narrativas poéticas em tecidos variados. Na exposição, apresentará uma série de bordados de vestígios, como delicadas manchas de cigarro, sangue ou vinho - marcas de vivência que impregnam nossas roupas e tecidos que entram em contato com o corpo. A execução das obras é lenta e trabalhosa. Ao dedicar horas de trabalho e concentração ao que na vida é consequência de uma ação rápida ou de um pequeno acidente – as manchas de respingos, por exemplo- , o processo da artista é quase como o de uma investigação policial, dedicando à construção de um vestígio a mesma atenção que um detetive dedicaria a desvendar um crime através de índices variados.

A artista apresenta também um trabalho da série ***Quatro Cenas de Paralisia***. Nessa série, ela utiliza técnicas de alfaiataria e modelismo em um feltro industrial, usado para impermeabilização de residências. **Rita** constrói roupas impossíveis de vestir mas que carregam em sua forma a memória de um movimento; tensões nos bolsos, curvas, inversões. O tecido funcional ganha vida independente do corpo que o veste.

**Informações para a imprensa:**

**Canivello Comunicação**

**Mario Canivello (****mario@canivello.com.br****)**

**Sarah Assad (****sarah@canivello.com.br****)**

**Tels: (21) 2274.0131 / 2239.0835**

**SERVIÇO**

**White Cube São Paulo**

Rua Agostinho Rodrigues Filho, 550

Vila Mariana - São Paulo

Tel: (11) 4329-4474

[www.whitecube.com](http://www.whitecube.com)

***‘Até aqui tudo bem’***

***Inside the White Cube***

***Abertura: 7 de fevereiro, às 16h***

***Exposição:*** de 10 de fevereiro a 28 de março de 2015

Horários: de terça a sábado, das 11h às 19h